

Resoluções da 5ª Conferência Nacional da OCML-PO

I . ORGANIZAÇÃO INDEPENDENTE DO PROLETARIADO

1. A ditadura militar mudou as condições de luta, mas não alterou o problema fundamental das relações de classe e do processo revolucionário no Brasil. O problema fundamental continua a ser a formação do proletariado, a conquista de sua independência ideológica e política. Este objetivo só será alcançado com a mobilização do proletariado sob bandeira própria, livre da tutela burguesa e oposto a política burguesa: só será alcançado quando a nossa classe operária, ou pelo menos parte decisiva dela, se lançar conscientemente no caminho da luta de classes, sob bandeira própria, que permita a defesa incondicional dos interesses do proletariado e dos seus aliados contra a exploração capitalista.

(Baseado em: "*Caminhos e Caráter da Revolução Brasileira*", "*Liquidar o Passado para destruir o futuro?*" e "*Teses Tiradentes*")

2. Quando falamos na mobilização do proletariado sob bandeira própria, estamos levando em conta os interesses específicos da classe. E como marxistas, sabemos que eles não são apenas econômicos, mas também sociais e políticos. Por outro lado, num momento em que a pequena-burguesia exorta o proletariado à união, procura na verdade arrastá-lo a uma organização onde não predominam as frases democráticas de tipo geral, em nome das quais as mencionadas reivindicações específicas do proletariado não possam ser apresentadas. Mas somente a luta por esses interesses específicos, econômicos, sociais e políticos - mobilizará o proletariado como classe.

(Baseado em: "*Mais Uma Vez a Pequena Burguesia*")

3. Sem a formação desse proletariado, as lutas de classes no país não darão o salto de qualidade da criação de uma frente dos trabalhadores da cidade e do campo, em oposição as classes dominantes. Sem a formação desse proletariado o potencial revolucionário do país continuará como massa de manobra da burguesia urbana e rural. As atuais estratégias ou "táticas" de luta contra a ditadura, de caráter imediatista, sacrificam as bandeiras proletárias independentes, abandonam a perspectiva da formação de um proletariado independente, em troca de uma aliança com facções das classes dominantes, ou simplesmente indo a reboque das bandeiras democráticas gerais da pequena-burguesia. Para nós, a formação de um proletariado independente e oposto a sociedade burguesa-latifundiária é premissa e condição para qualquer avanço real do processo revolucionário e condição para a aliança dos trabalhadores da cidade e do campo.

(Baseado em: "*Liquidar o passado...*" e "*Formar a Vanguarda Proletária*")

4. Se nós aceitamos a premissa marxista de que a emancipação dos operários só pode ser obra da própria classe, não devemos esquecer também que a organização do proletariado só pode se dar pela atividade da própria classe. Quando Lênin fala da necessidade da experiência política própria das massas, ele não se refere somente à hora decisiva da colocação do problema do poder. Essa experiência é indispensável em todas as fases da luta de classes e são justamente as lutas parciais que permite colhê-las. Ela é indispensável para a formação da classe independente, processo que se dá ainda no quadro da sociedade capitalista e num nível determinado pela profundidade que as condições já assumiram. Daí para a questão do poder - mesmo sob a forma do GRT - ainda há um caminho a trilhar, há lutas a travar, há experiências a colher. A independência em si ainda não soluciona esses problemas. Apenas permite colocá-los, em seu devido tempo.

(Baseado em: "*Liquidar o Passado..*" e "*Formar a Vanguarda...*")

5. A independência da classe operária não representa nenhuma fórmula mágica para nós. Não significa, por exemplo, que a classe já lute diretamente pelo poder. Tampouco quer dizer que já esteja forçosamente sob a liderança de um partido revolucionário - embora seja esse o nosso objetivo. A independência da classe não é o ponto final de uma evolução e sim o início de uma luta mais conseqüente. Ela dá margem a formação do partido revolucionário mas pode se dar sob o signo do domínio de partidos reformistas (como na Itália e na França) ou de um movimento sindical (como foi o caso da Inglaterra e na Espanha). O essencial é que se organize

independentemente e em oposição às instituições burguesas da sociedade. A independência da classe não exclui que ela tenha ilusões políticas, principalmente sobre o caminho ao socialismo. Terá essas ilusões enquanto o Partido Revolucionário estiver em minoria - e vice-versa.

(Baseado em: "*Liquidar o Passado...*")

6. Historicamente, isto é, até hoje, o nível político mais alto atingido por um proletariado neste continente, foi sem dúvida em Cuba. Foi o país onde o proletariado agiu como classe mesmo quando a ditadura de Batista destruiu as suas organizações de massa legais, procurando substituí-las por entidades oficiais sob controle do Estado. A classe operária cubana formou suas organizações clandestinas (os Comitês de Defesa das Reivindicações Operárias) que continuava a dirigir a luta nas empresas. O proletariado, que já contava com a experiência da greve geral contra Machado, em 1933, soube conservar e reforçar sua consciência de classe coletiva também sob a repressão de Batista.

(Baseado em: "*Caminhos e Caráter...*")

7. Na América Latina capitalista, o proletariado mais amadurecido como classe é sem dúvida o chileno. Já antes do golpe militar de 1973, o proletariado chileno agia como classe, embora dominado por partidos reformistas. Já era então, em sua maioria, socialista ou comunista, "marxista", levando em conta as limitações do reformismo oficial. Podia flutuar e hesitar entre socialistas, comunistas e agrupamentos menores, mas já não dava sua confiança, aos representantes políticos da burguesia, que já era reconhecida como classe antagônica. Com a vitória eleitoral da UP, pensou estar no caminho do socialismo, e seria simples demais julgar que só os adeptos mais chegados de Allende compartilhavam das ilusões democrático-legalistas. Somente as experiências amargas, pelas quais o proletariado chileno passou, podem fazer que a próxima vez coloque mais realisticamente a questão do poder.

(Baseado em: "*Caminhos e Caráter...*" e "*Como Aprender - Com Quem Aprender?*")

8. O proletariado português, que surgiu como classe independente depois do 25 de abril, até agora não precisou pagar o mesmo preço do chileno pelas ilusões democráticas sustentadas quase até o golpe da direita de novembro de 1975. O voto de protesto dado a Otelo Carvalho de Saraiva nas eleições presidenciais, sem dúvida foi o resultado da experiência da derrota anterior. Resta saber se a coligação da Esquerda Revolucionária portuguesa que sustentou a candidatura de Carvalho, já está em condições de se transformar em vanguarda, para que a experiência colhida pelo proletariado tenha resultados mais duradouros.

(Baseado em: "*Liquidar o Passado...*")

9. Quanto ao nível de consciência e experiência da classe operária brasileira, é difícil avaliar por enquanto, enquanto não sair da imobilidade.

O que sabemos é que o processo de amadurecimento da classe tinha se colocado à véspera do golpe militar de 1964, e que foi interrompida pela força. Diversas greves gerais, embora sob a liderança reformista, tinham feito surgir o proletariado no cenário nacional, e uma radicalização visível a olho nu já atingia vastas camadas da população, além do proletariado. O movimento grevista da classe operária ameaçava escapar ao controle populista, e seguir caminhos próprios. Politicamente, entretanto, os limites do populismo não chegaram a ser ultrapassados. O salto qualitativo para uma política de classe não chegou a se dar.

A próxima referência que temos é a fase das lutas dos anos 1967/68, que atingiu o auge com as greves de Contagem e Osasco. A experiência de 1967/68 é valiosíssima para nós. Revela que o proletariado, uma vez vencida a imobilidade e o medo da repressão, desenvolve formas de luta que se apóia em organismos de base (primeira greve de Contagem), tentando coordenar os organismos de base através de órgãos executivos (segunda greve de Contagem e Osasco). Refletiu isso uma tomada de consciência que se deu sob a superfície aparentemente parada (de 1964 a 1967) e foi consequência direta do golpe militar. Como resultado surgiu uma nítida ação de classe em áreas limitadas, cuja importância consiste na mobilização por força, própria.

(Baseado em: "*Liquidar o Passado...*")

10. Quando amanhã o proletariado brasileiro ressurgir em cena não será uma reedição de 1945, e tampouco a luta, começara onde parou em 1964. Se por um lado não podemos saber ainda como o proletariado sairá da longa noite da ditadura militar, todavia se pode supor que a experiência de 1967/68 se repetirá em escala gigantesca. Doze anos de ditadura militar tornaram mais profundas

as contradições de classe na cidade e no campo, e criaram as premissas para uma polarização maior das forças sociais. Não há hoje, na classe operária, um trabalhismo enraizado, como no tempo de Vargas. O que a ditadura militar criou foi uma apolitização das massas, que desaparecera, entretanto na medida em que surgirem alternativas políticas à situação presente. O proletariado não é o mesmo de 1945 nem de 1964. A ditadura militar também foi uma experiência, não sabemos ainda até que ponto prossegue o processo de formação da classe, por baixo da superfície, mas dois aspectos da evolução são previsíveis; em primeiro lugar, o proletariado se lançará numa luta de "recuperação do nível de vida e esse se dará num clima de crescente radicalização. Em segundo lugar, se manifestará uma falta de experiência política das massas operárias condicionadas pela abstenção forçada dos últimos anos e pela incorporação de novas gerações da classe durante mais de uma década.

Disso resultará uma situação contraditória. A classe ressurgira radicalizada, em virtude da sua situação material. Por outro lado, a falta de experiência, a falta de lutas parciais, fará com que o proletariado revele no primeiro tempo, grande dose de ingenuidade política, que ainda poderá ser aproveitada por forças alheias a classe.

(Baseado em: "*Liquidar o Passado...*")

11. É dentro desse quadro geral que a O. deve reafirmar a sua linha estratégica e definir tarefas imediatas. A linha estratégica da O. é a de penetração no proletariado, ideologicamente e organicamente. É verdade que também a conquista de independência da classe é uma questão de relações de forças, produto de todo um processo histórico do país, dentro do qual o papel das vanguardas políticas só representa um fator entre outros. Mas enquanto as vanguardas pequeno-burguesas, apologistas das liberdades democráticas, freiam este processo, tentando perpetuar a tutela pequeno-burguesa sobre o proletariado, o nosso papel, como comunistas, é o de velar pela contínua educação da classe. Na medida em que a transformação do proletariado avança, a atuação consciente e contínua da vanguarda comunista acelera o processo. Por isso o processo de formação da classe operária independente está estreitamente ligado ao surgimento do partido revolucionário da classe operária; o progresso deste refletirá o amadurecimento da classe operária.

(Baseado em: "*A Crise que se Avizinha*", "*Formar a Vanguarda...*", "*Liquidar o Passado...*" e "*Teses Tiradentes*")

12. A nossa O., hoje predominantemente composta por revolucionários provenientes das classes médias, fornece antes de tudo a teoria, que tem de penetrar no proletariado para torná-lo apto a preencher seu papel. A teoria, contudo, não penetra sozinha. É levada para dentro da classe operária por agitadores e propagandistas que preparam o terreno para a organização e a luta consciente. Mas a teoria mais justa e as palavras de ordem mais combativas não agitarão as massas se não tivermos quadros na própria classe que as divulgue e ajudem os operários na ação prática, a tirar consequências dos seus novos conhecimentos. Por outro lado, as palavras de ordem não podem ser vistas destacadas do terreno material da luta de classes; fala-se em palavras de ordem que teriam o condão de despertar e mobilizar a classe - mas o despertar e a mobilização se dão à base das condições concretas da exploração capitalista.

(Baseado em: "*Formar a Vanguarda...*")

13. A atuação das diversas correntes da Esquerda durante os anos de descenso (depois de 68) foi criticada pela O. Cabe acrescentar uma autocrítica pelos nossos próprios erros ao longo de vários anos de prática esquerdista (1970/77). Perdemos um tempo precioso no enraizamento na classe operária, na criação de um ponto de partida mais favorável para o momento em que as condições objetivas das lutas de classes no país mudarem.

Durante o descenso, impunha-se à O. concentrar-se no trabalho de propaganda. Tínhamos de dedicar-nos à formação de lideranças operárias em potencial, as futuras lideranças da classe. Isso não podia ser feito à base de uma linha de confrontação com o regime, nem mediante a elaboração de objetivos esquemáticos com os quais se pretendeu influir na situação.

Se afirmamos que a fase que passamos não era de confronto, mas sim de preparação sistemática para um futuro ascenso, não pretendemos dizer com isso que não havia margem para lutas. Em nenhum momento, desses últimos anos, o operário médio se tinha conformado com sua situação. Se houve poucas greves, usou outros meios de resistência, de trabalho lento a mudanças de emprego. Tínhamos de adaptar-nos a este nível de conflitos sociais, para estabelecer a ação coletiva, a solidariedade de classe, à base dos pontos de partida existentes. Tínhamos de partir do nível das reivindicações deles e ver até onde estavam dispostos a ir, para saber até onde podíamos levar. Era um trabalho lento, penoso, mas era a única maneira de não perder o contato com a

classe. Era a única maneira de exercer alguma influência em setores da classe. A chama, para não apagar, tinha de ser mantida baixa, mas o importante era mantê-la.

(Baseado em: "Nove Teses")

14. Falamos da nossa situação passada recente. Esse passado porem, ainda não terminou. Uma nova etapa de lutas vem se esboçando lentamente, da qual o 'movimento pela reposição salarial' é um nítido sintoma. Desconhecemos também o ritmo com que o aprofundamento das contradições econômicas e sociais mudará as relações de classe e sua superestrutura. É importante que saibamos distinguir ritmo e alcance das mudanças para não nos deixarmos surpreender e nos adaptarmos em tempo as novas formas de luta. Mas é igualmente importante não nos precipitarmos e não arriscarmos cedo demais o nosso potencial. Nesse acompanhamento da realidade pelo nosso trabalho, como vanguarda comunista, coloca-se também para nós um processo de aprendizado. É preciso acompanhar as mudanças no comportamento da classe e saber sistematizar os dados empíricos que a nossa prática constantemente recolocarão. A tática que hoje traçamos não pretende, portanto fornecer receitas para o trabalho operário; a tática e a política diária, que leva em conta as constantes mudanças nas relações forças existentes, deduzindo os passos que podem ser dados em direção aos objetivos estratégicos.

(Baseado em: "Nove Teses")

15. Resumindo em poucas palavras, a nossa política atual visa o enraizamento na classe operária, entendido como o fortalecimento e a criação de embriões de organização independente de classe, e a formação política de lideranças operárias. Estaremos criando ou fortalecendo embriões de organização independente na medida em que contribuirmos na seleção dos métodos de luta e de organização mais avançados em cada situação, na medida em que estivermos despertando a solidariedade da classe e a autoconfiança na sua força, Esta atividade, cujo terreno e o desenvolvimento das lutas parciais possíveis, e inseparáveis da indicação dos objetivos, finais de luta. A nossa propaganda deve tomar como base as condições concretas da exploração capitalista e a vida da sociedade como um todo, para elucidar o caráter de classe do Estado, para difundir um conceito justo sobre as diferentes classes da sociedade, sobre o papel da classe operária nesta luta, etc.

16. A formação política de lideranças da classe o inseparável dessa orientação geral de ajudar no desenvolvimento de todas as ações de classe, por mais incipientes e localizadas que sejam. Somente conseguiremos influir nas lideranças se soubermos responder com realismo as questões colocadas pelo presente do movimento. Por isso mesmo, a nossa influência sobre estas parcelas mais avançadas da classe será também um processo, pois não podemos ignorar que o seu amadurecimento, político acompanha a experiência da luta diária. A nossa propaganda penetrará na medida em que vá ao encontro das preocupações práticas desses elementos, Entra também aqui um problema de método: precisamos avaliar o nível de que partem, e considerar o desenvolvimento do trabalho não como pedagogia abstrata, mas como parte integrante de uma intervenção na vida concreta da classe operária. Para que penetre a nossa visão sobre o futuro do movimento, é necessário que os nossos instrumentos, a nossa, argumentação e a nossa linguagem sirvam para esclarecer a luta prática no momento atual.

17. Nas frentes de luta, participaremos e estimularemos as lutas de massa colocando as palavras de ordem parciais, de acordo com as condições específicas. Entretanto, não basta mencionar aqui as palavras de ordem imediatas ou práticas. Cabe também levantar uma plataforma de lutas que resuma as reivindicações parciais mais sentidas pela classe na atualidade. Esta plataforma de lutas deve ser levantada em todos os momentos em tivermos acesso a um auditório maior, como por exemplo, numa assembleia operária, numa eleição sindical, etc. Os pontos mais importantes desta plataforma são os seguintes.

- a) Luta contra o arrocho salarial
- b) Contra o atrelamento sindical. Pelo sindicato livre
- c) Pela organização pelas bases
- d) Contra a lei de greve
- e) Contra as perseguições políticas às lideranças operárias
- f) Pela imprensa operária livre.

18. Em toda a nossa propaganda deve estar impregnada a idéia de que não é possível nenhuma

melhoria duradoura para a classe operária, dentro dos marcos da sociedade capitalista, e de que só a destruição do Estado burguês e a implantação da ditadura do proletariado permitirão a emancipação da classe operária.

19. Toda a nossa propaganda deve visar a colocação dos objetivos finais do movimento operário: a implantação do socialismo através da ditadura do proletariado. A propaganda dos objetivos finais articularemos a propaganda das palavras de ordem de transição, resumidas no PSB nas 'medidas para o Governo Revolucionário dos Trabalhadores'. A apresentação das palavras de ordem parciais e imediatas — em suma, a nossa intervenção no presente do movimento - não se separa da propaganda dos objetivos finais: a revolução dos trabalhadores. A nossa propaganda deve ser desenvolvida através de meios predominantemente clandestinos.

2. TESE SOBRE CONJUNTURA

1. O golpe de Estado que, em abril de 64, substituiu a democracia parlamentar burguesa pela ditadura militar, tornou-se uma necessidade para as classes dominantes com a radicalização da luta de classes. O ascenso do movimento de massas, dentro da crise cíclica da economia capitalista brasileira, pôs em perigo o lucro e o sistema de dominação da burguesia.

Mas em abril de 64 não existia no Brasil uma classe operária independente. Organizada pelas cúpulas e mobilizada em torno de bandeiras populistas, a classe operária ainda não podia tomar o poder. Por outro lado, os mecanismos de dominação direta da burguesia havia se desgastado e esgotado sua capacidade de continuar garantindo o poder político. Se o proletariado ainda não podia governar, a burguesia naquela época já não podia fazê-lo. Foi em tais condições que todas as classes foram silenciadas politicamente e "caíram de joelhos diante da culatra do fuzil". A intervenção do exército e a implantação da ditadura aberta desarma politicamente todas as classes, mas apenas para garantir o poder social da burguesia, a propriedade, a família, a religião e a ordem burguesas.

A ditadura militar brasileira é uma ditadura aberta e indireta da burguesia. É o poder do Estado tornado autônomo e apoiado em baionetas, Entretanto, ela somente reforça as características da hegemonia do grande capital no bloco dominante.

Não houve uma alteração das classes no poder em abril de 1964. O Estado era e permanece uma ditadura burguesa e latifundiária, subordinada ao imperialismo, e sob a hegemonia do grande capital. O golpe de abril não mudou as classes no poder, mas, alterou a forma do seu poder e o peso específico de cada um dos setores dominantes. A mudança na forma do poder tinha que se dar através de uma contínua e conflituosa depuração das velhas lideranças, da destruição do poder dos velhos representantes da dominação de classe, da organização de novas instituições e novas lideranças. As lutas políticas no seio das classes dominantes de Iá para cá promoverem essa substituição de lideranças e aparatos de governo, e com isso alteraram a própria correlação de forças na composição das classes dominantes, com a hegemonia mais nítida dos grupos monopolistas e financeiros. O distanciamento entre o poder político e as suas bases sociais - característica da ditadura militar - permitiu ao novo regime fazer a política de um setor mais dinâmico do sistema, exatamente aquele setor que está também mais destacado de qualquer atividade em particular, e que representa o capital em sua forma mais pura: o setor financeiro. É essa camada da classe dominante que detém a hegemonia do regime.

O reinado do capital financeiro no Brasil esta enraizado no desenvolvimento capitalista ocorrido nas décadas anteriores da montagem de um grande parque industrial implicou num enorme processo de centralização e concentração do capital, e no estreitamento da integração imperialista. A ditadura militar acelera e reforça essas tendências objetivas. Entretanto, é importante insistir em que a ditadura militar é uma variante da ditadura da burguesia, e não de parte dela. A ditadura de classe, isto é, da classe inteira e não de uma fração, nem de um "setor ultrarreacionário". A ditadura militar reforça a integração imperialista, mas não é a única forma de dominação burguesa capaz de fazê-lo. Sua particularidade - enquanto ditadura aberta e indireta da burguesia - é antes consequência de uma determinada situação política, e produto de uma contingência conjuntural, quando a burguesia se mostrou incapaz de manter, através dos seus mecanismos diretos, a sua propriedade, sua família, sua religião e sua ordem. A tutela militar garantiu a repressão sobre o

movimento operário, e a recuperação da taxa de lucro através do arrocho salarial.

2. Até 1968, a continuação da crise, econômica e as divisões internas da burguesia, com reflexos no aparelho militar, impediram a consolidação da ditadura e reativaram manifestações amplas de massa, como as greves operárias de Contagem e Osasco e o movimento estudantil.

A consolidação da ditadura se deu a partir de fins de 68, e o AI-5 é um marco neste sentido. A consolidação da ditadura aberta se baseou nos êxitos alcançados na repressão aos movimentos de massa operários e estudantis, na repressão as organizações de esquerda e no desmantelamento da oposição democrático-burguesa. O pano de fundo que possibilitou a polarização de forças em torno do regime (coesão das forças armadas, apoio da burguesia e consentimento passivo de grande parte da pequena-burguesia), tornando-as base social duradoura, foi a recuperação econômica ocorrida a partir de 1968.

3. A recuperação econômica foi possível com a elevação da taxa de lucro em decorrência do arrocho salarial, e com a racionalização econômica que acompanhou a aceleração do processo de concentração do capital. A lenta retomada do ciclo de crescimento se deu com a utilização da capacidade ociosa na indústria, e com a atração de investimentos maciços provenientes do centro do sistema imperialista. Uma conjuntura de preços favoráveis, no mercado externo, para os produtos primários e alguns industrializados, deu maior impulso ao movimento cíclico de expansão da economia capitalista brasileira.

A política do arrocho salarial foi a solução 'clássica' utilizada pela burguesia para fazer frente à crise. Ela foi, entretanto uma opção política, somente viável em decorrência da correlação de forças na luta de classes. O 'arrocho' não é uma condição 'sine qua non' para o capitalismo brasileiro. A história anterior a 4 mostra inclusive outras alternativas para o capitalismo no país durante a ditadura militar, porém, o arrocho salarial tem sido a pedra angular das elevadas taxas de lucro.

4. A correlação de forças a que chegou a luta de classes a partir de 63, quando se articulou o aparato regressivo monolítico, manteve a dispersão do movimento operário e da massa em geral. Nos anos do apogeu da ditadura militar deixou de existir qualquer sinal de ação conjunta da classe operária. As lutas irrompiam isoladamente nas seções de fábrica, e raramente abrangiam a fábrica toda. Exceções dignas de nota foram as greves da Brahma (1972, no Rio), na Volks, Chrysler e Villares (São Paulo), que não conseguiram, porém, se expandir. A ação da repressão, a liquidação dos embriões de organização independente em 64 e em 68, o arrefecimento da combatividade em função das derrotas políticas e das expectativas que o 'milagre' econômico chegou a abrir - todos esses fatores pesaram no prolongamento de uma situação objetiva de descenso profundo do movimento operário. Conheciam-se apenas grupos operários isolados formados por antigas lideranças ou por pequenas frações despertadas para a luta a partir dos pequenos conflitos. Essas frações mais avançadas descreveram uma trajetória prática bastante variável e acidentada logo nos primeiros anos de descenso, formaram-se grupos operários independentes, alguns dos quais chegaram a editar jornais clandestinos e documentos de orientação política, centrando sua atuação nos sindicatos. Entretanto, as experiências de maior relevo foram aquelas desenvolvidas pelas Oposições Sindicais. A Oposição Metalúrgica de São Paulo chegou a conseguir significativo crescimento nos anos 72 e 73; sendo em seguida desarticulada pela repressão. A Comissão Primeiro de Maio, organizada no Rio entre 1971 e 1974, aglutinou operários de várias categorias industriais, desenvolveu uma prática de oposição sindical, e publicou um jornal periódico - o "12 de maio" - que chegou a criar tradição em alguns setores de massa avançada. A grande limitação desses grupos independentes e oposições sindicais foi porém, a sua incapacidade de criar raízes nas fábricas e manter uma continuidade no trabalho. Marcados por vícios sindicalistas e eleitoreiros, que impediam o desenvolvimento de uma agitação e propaganda, socialistas, os grupos e oposições também não conseguiram desenvolver métodos profissionais de articulação entre o trabalho legal e as atividades clandestinas: a sua desarticulação pela polícia tornava-se freqüente. Estabilidade maior conseguiram os organismos de bairro, onde se aglutinaram frações da classe operária conjuntamente com setores proletarizados da pequena-burguesia. Em sua grande maioria dirigida pela igreja católica, as 'pastorais operárias' se disseminaram bastante, principalmente em São Paulo.

Atos individuais de rebeldia e inconformismo, lutas esporádicas e anônimas a nível de seção, raramente abrangendo a fábrica toda, formação de grupos dispersos de oposição sindical ou aglutinados em torno de Associações de bairro e pastorais da Igreja — esta é a história do MO nos anos de auge da consolidação da ditadura.

5. A trajetória da esquerda compõe a outra face da história desse período, evidentemente, não se poderia esperar dos fatores subjetivos uma intervenção tal que implicasse em completa reviravolta

histórica. Só se podia esperar das forças da esquerda que compreendessem as tendências objetivas do momento, selecionando formas de luta e organização e mantendo viva a propaganda revolucionária. Entretanto, a história da esquerda revolucionária imprimiu-se ao longo desses anos agravando o quadro de dispersão dos movimentos da classe. O desvio de maior parte das forças para as ações militaristas, e os planos esquerdistas que partiram também das organizações que se mantiveram no trabalho operário, foram fatores que acentuaram a desagregação do MO.

6. Nesses anos de apogeu da ditadura militar, apenas o movimento estudantil conseguiu manter organizações mais estáveis. Reorganizando Centros Acadêmicos e Conselhos de Representantes a partir de 1970, foi possível uma atividade reivindicatória e de pequenas denúncias na maioria das escolas e das principais universidades do país. Também as atividades culturais e esportivas cumpriram uma função importante na formação ideológica da massa e na aglutinação das frações mais avançadas que se politizavam nas lutas. A existência contínua dessas entidades possibilitou uma divulgação das principais experiências de luta e a continuidade de um lento aprendizado político da massa estudantil nas principais escolas. Em 1971 já ocorriam em São Paulo assembleias com 500 estudantes presentes, e em 1973 ocorre uma importante manifestação de massa no protesto pelo assassinato de Alexandre Vanuchi pela ditadura.
7. A situação acima descrita começa a se modificar lentamente com o início da crise capitalista e com os primeiros sinais da crise da ditadura militar, em 1974. Os primeiros sinais da crise econômica vêm com a crise financeira. O montante da dívida externa e o déficit no balanço de pagamentos já marcavam no início de 1974 uma reversão de tendências.

Por outro lado, a inflação mundial, crescente nos países de centro do sistema imperialista, repercutia no Brasil, não apenas através dos encargos anuais decorrentes da dívida externa, mas também através da elevação do preço de certos produtos importados, como o petróleo, fertilizantes etc. Entretanto, a crise mundial apenas agravava os fatores internos que já empurravam a economia brasileira para a crise; especulações no mercado financeiro, encarecimento do crédito e elevação geral dos preços. Em última instância, já pesavam então os primeiros sinais de uma superprodução industrial e da queda dos investimentos produtivos.

Evidentemente, a reversão das tendências ao nível da economia não significava já a precipitação de uma crise econômica em todas as suas conseqüências. Com os dados atuais, de 1977, é possível concluir que as dificuldades econômicas enfrentadas pelo capitalismo brasileiro nos últimos anos ainda não significam a atuação das forças destruidoras da crise em todo o seu alcance, sendo porém um inequívoco e persistente sinal da crise que se aproxima. A crise cíclica do capitalismo brasileiro, em perspectiva, e agravada pela crise internacional do capitalismo. Estimativas para este ano prevêem uma queda na produção industrial a nível ainda mais baixo daquele verificado em 1975, ao mesmo tempo em que caem no mercado externo os preços dos principais produtos primários exportados pelo Brasil.

8. Os problemas econômicos verificados a partir de 1974 reativam as lutas internas da burguesia. A queda da taxa de lucro em alguns setores industriais e a disputa em torno da distribuição dos fundos de financiamento desencadeiam a luta pelo controle direto da política econômica. A intensidade das pressões pelo controle da política econômica tem estado na razão direta dos efeitos que a crise em desenvolvimento e as prioridades governamentais exercem sobre diversos setores e ramos; esses efeitos se distribuem desigualmente entre a burguesia comercial e industrial e o setor financeiro. Importante, porém, e ressaltar que as pressões sobre o regime não partem apenas de um único setor da burguesia, mas de seus diversos setores; eles se tornam cada vez mais claramente um movimento da burguesia - em seu conjunto.

Continuando a falar em nome de toda a classe dominante, a ditadura militar mantém, por outro lado, a rigidez de suas prioridades mais gerais, não conseguindo assimilar o jogo das forças que se realinham no seio das classes dominantes, e que pressionam por remanejamentos divergentes. A ditadura apenas concede remédios imediatos em várias frentes - o chamado 'pragmatismo responsável' - mas pela sua própria natureza, em razão dos mecanismos de decisão que a caracterizam, não oferece canais para a livre organização das pressões burguesas. Compreendendo que não encontra hoje canais diretos capazes de tornar eficientes suas pressões, capazes ao materializá-las em efetivas medidas governamentais, a burguesia reivindica inicialmente uma 'institucionalização' do regime, e passa depois a falar com muita prudência e cautela em 'redemocratização do país'.

A situação do conjunto da luta de classes hoje é muito diferente daquela que em 64 deu lugar ao golpe militar. A burguesia vem recuperando sua autoconfiança, depois de todos esses anos de depressão do movimento operário, e vem revitalizando os mecanismos - por enquanto apenas embrionários - de sua dominação direta. Hoje a burguesia começa a se cansar do regime tutelar,

seus velhos 'heróis' de 64 e dos novos pretendentes, e luta pela liberdade de manifestação e organização direta, isto é, luta pelo controle direto do aparelho do Estado.

9. Assistimos atualmente a desagregação dos aparatos políticos da ditadura militar. A crise econômica é o catalisador de um processo contínuo de decomposição do regime, tanto mais agravado quanto mais nítido se torna sua incapacidade de representar a classe dominante em seu conjunto dentro das novas condições históricas.

Desde 1974 que se desenrola um processo lento, porém seguro, de paulatina subversão dos mecanismos da ditadura indireta. O próprio 'ritual' das eleições, mantido inicialmente pela ditadura como elemento de composição de sua fachada, esboça uma tendência a se transformar em veículo eficiente para novas pressões. A burguesia as utiliza para revitalizar o parlamento, e o parlamento esboça uma transformação de órgão de fachada para arma política na luta burguesa pela retomada do controle direto sobre as decisões governamentais. O MDB também começa a se transformar: de reserva doutrinária do pensamento burguês-liberal, passa a 'frente ampla' da oposição burguesa, começa a polarizar a burguesia e a pequena-burguesia na luta pela redemocratização.

A continuada e pertinaz subversão dos aparatos políticos da ditadura militar alcança também os símbolos mais preciosos do regime. A Arena, símbolo da 'união nacional' da burguesia em apoio a ditadura cede-se atualmente em correntes hostis. O chamado 'comando revolucionário', isto é, o Alto Comando das Forças Armadas - o coração do regime - acentua divisões internas a cada passo que dá no sentido da sucessão do Geisel. Se antes o rodízio dos generais na presidência serviu para acomodar divergências e deslocamentos de forças no interior da oficialidade, se serviu portanto para refazer a coesão militar em novas bases, agora só espelha divisões e polariza movimentos conspirativos. A demissão de Sílvio Frota do Ministério do Exército, acompanhada pela sua tentativa de mobilizar os Comandos do Exército contra o Governo Geisel, cria um novo marco na história da ditadura militar. As contradições engendradas pela crise nacional se fundem em torno do processo sucessório - e este se mostra incapaz de resolvê-las. A burguesia vê alarmada a cisão militar, e, no entanto a continuidade da ditadura indireta passa a significar também o agravamento dessa cisão.

Enquanto prossegue a decomposição dos seus mecanismos de poder, a ditadura militar se enfraquece, faz algumas concessões a oposição democrática, e procura encobrir sua prática repressiva com algumas declarações humanistas, tentando sugerir para si mesma, alguma, respeitabilidade. Entretanto, a ditadura enfraquecida não é uma ditadura em processo de auto-democratização. Apesar do avançado estado de decomposição, e da defensiva daí decorrente, os aparelhos e os métodos do regime continuam existindo.

10. Dentro deste quadro de primeiras mudanças políticas, a pequena-burguesia, também se movimenta. Toma para si a causa da redemocratização, recobre-a com o manto universal dos Direitos Humanos, das Liberdades Democráticas e dos Direitos Políticos, e contribui nesta luta com os porta-vozes mais dinâmicos e com a fraseologia mais radical. Ao mesmo tempo em que florescia a luta pela democracia com pronunciamentos solenes, chega as vezes a prometer realizar nesta luta as mais profundas revoluções neste país. A OAB, a CNBB, os jornais 'Movimento', 'Pasquim', 'Brasil Mulher', 'O São Paulo', os autênticos do MDB e demais herdeiros de Brizola, tudo isto estimulado pela esquerda democratista compõem a 'ala esquerda' na frente ampla que hoje luta pela Democracia liberal. O comportamento da pequena-burguesia contribui, enfim, para reforçar a autoconfiança da burguesia, e sua convicção crescente de que já pode, afinal, voltar a governar diretamente, e sustentar diretamente a direção política e ideológica da sociedade brasileira.

11. O movimento de massas ressurgiu inicialmente com o movimento estudantil. As greves gerais de São Paulo e na Bahia em 1974 iniciaram a retomada de amplas lutas estudantis, cujo marco mais recente foram as manifestações nacionais do primeiro semestre deste ano, seguidas pela organização de greves e passeatas em vários 'dias nacionais de luta'.

O movimento estudantil superou assim fase das lutas dispersas, realizando manifestações nacionais unificadas. Para que este fenômeno fosse possível pesaram determinações atuais - a crise nacional, o descontentamento político da pequena-burguesia e o enfraquecimento da ditadura - mas pesaram também as experiências acumuladas e a educação política que a massa estudantil viveu, lentamente, nos últimos anos, inclusive durante o período do auge da ditadura. As grandes manifestações ocorreram porque os estímulos atuais advindos da situação nacional repercutem numa massa que experimentou uma certa educação política e produziu uma fração bastante politizada e organizada em entidades.

Manifestações políticas por enquanto isoladas em relação ao movimento operário, e submetidas a influência majoritária (e quase exclusiva) da agitação democratista e centrista, o ME até aqui tem sido canalizado em auxílio ao movimento pela democracia parlamentar.

O campo para radicalização, contudo, se recolocará sempre que estourarem manifestações estudantis. O atual movimento pela reorganização da UNE, se bem conduzido, poderá extrapolar os limites do liberalismo e retomar os marcos do 29^o Congresso da UNE. De grande importância são também os primeiros passos dados atualmente no sentido de uma integração das atividades estudantis com a realidade e o movimento da classe operária e dos camponeses.

12. O movimento operário ensaia hoje os primeiros sinais de retomada. O movimento pela reposição salarial, deflagrado no ABC paulista como um movimento de índole legal, mobilizou uma Assembléia de 5000 operários em São Bernardo e repercutiu em inúmeras outras Assembléias operárias de Campanha Salarial em vários pontos do país, Apesar de todas as manobras dos pelegos para amortecer a luta e canalizá-la para formas de pressões de cúpula, a luta pelos 34% é a primeira manifestação coletiva da classe em defesa de seu nível de vida. Aqui não se pode falar ainda, como no ME do 1^o semestre, na deflagração de um movimento ascendente generalizado. O precedente, contudo já permite situar em termos realistas a previsão da retomada das lutas operárias de massa.

Significativas têm sido as 'Assembléias do Povo', que em São Paulo chegou a reunir 5000 participantes em 1976, enquanto se prevê para este ano uma afluência muito maior. As assembleias de Bairro são manifestações conjuntas de operários e setores proletarizados, e a sua força motriz é a luta, contra a carestia, em defesa do nível de vida. Assim como o movimento pela reposição dos 34%, as 'Assembléias do Povo' são sintomas das modificações que hoje começam a atingir o comportamento da classe operária, embora ainda se dêem no quadro geral da dispersão.

Essas primeiras manifestações de retomada do movimento repercutem nos sindicatos. As últimas assembleias de Campanha tem aglutinado um numero sem precedentes desde 68. Da Assembléia dos 2000, realizada em São Paulo em outubro de 76, à Assembléia dos 3000 em São Bernardo no início deste ano, até as Assembléias recentes, é indiscutível a dinamização ocorrida, refletindo os primeiros e promissores sinais do lento despertar ao nível da massa.

Os pelegos também já sentem as primeiras mudanças, e muitos já procuram adaptar linguagem e atitude à nova situação que se aproxima. Continuando a cumprir o papel de esvaziar as lutas de massa, e sabotar as diversas formas de organização operárias que surgem, os pelegos precisam, no entanto acompanhar o ânimo geral para não se isolarem. Dai as recentes 'aberturas' e maior 'combatividade' de reconhecidos pelegos, diante de próximas eleições sindicais.

Apresenta-se no movimento sindical uma contraposição entre 'novos' e 'velhos' pelegos. Surge uma corrente sindical que, ao mesmo tempo em que reflete os anseios da massa operária, pretende conciliá-los com os interesses da burguesia. A pregação da independência sindical é a sua bandeira - autonomia face ao atrelamento dos sindicatos ao Estado e face aos partidos políticos. É esta pregação que permite a corrente colocar-se aparentemente acima do antagonismo de classes que divide burguesia e proletariado. Trata-se de uma variante histórica do sindicalismo amarelo, tal como o conhecemos da experiência da chamada Internacional 2 1/2.

A experiência viva já demonstrou porem que esta é apenas a melhor forma, num período de crise política, para a burguesia seguir mantendo o movimento preso aos seus interesses. O esvaziamento da campanha de reposição salarial, o 'diálogo' com os capitalistas ao invés da preparação da classe para a greve são exemplos que mostram como essa corrente contrapõe-se à ditadura militar sem afetar os interesses da burguesia.

O desenvolvimento das lutas operárias dará uma dimensão mais clara ao fenômeno. Importa considerar porem que isso significa a superação do atraso político e da herança populista que ainda marca a classe operária — pois estas são as raízes do sindicalismo amarelo no movimento operário (não por acaso Luis Inácio reelegeu-se com maciça votação dos metalúrgicos de ABC e Diadema).

Finalmente, cabe destacar que as recentes manifestações operárias mais uma vez colocaram na prática a organização pela base, nas fábricas. A formação de grupos de apoio por fábrica na luta pela reposição salarial (na Volks o grupo de apoio chegou a reunir 200 operários) reafirma a necessidade da organização nas empresas. Alias mesmo as lutas desenvolvidas nos anos negros do descenso, como a da Villares e a Volks, também levaram, à formação de Comissões de fábrica.

13. Os referidos sintomas de dinamização do movimento operário têm uma determinação atual no início da crise nacional, no agravamento das condições de vida da classe com a inflação e o desemprego, e no enfraquecimento da ditadura. Mas esta é a atualidade de um movimento que descreveu ao longo dos últimos anos uma determinada trajetória histórica, da qual também é resultado. Pois é justamente a estas tradições, às experiências à mentalidade já adquiridas, que a crise atual dá relevo. É preciso, portanto compreender a natureza do 'lento aprendizado' que a massa operária absorveu nos anos de descenso, e sobre isto não podemos aqui ir além das

evidências mais gerais.

O movimento operário esteve nos últimos anos entregue a sua própria sorte, recebendo no máximo a influência unilateral do trabalho educativo desenvolvido pela igreja. A ausência de um trabalho maior da esquerda revolucionária em geral e da esquerda proletária em particular é antes de mais nada consequência de uma circunstância objetiva: o limite físico (e portanto político) a que estão sujeitos os pequenos grupos organizados da esquerda. Em segundo lugar, pesaram os desvios cometidos na prática, que variaram do agitacionismo abstrato (tentativa de 'criar lutas' nos primeiros anos de descenso) ao doutrinário ultraesquerdista tentativa de "formar organismos ideais" e abandono do trabalho de massa).

Nas lutas dispersas, nas oposições sindicais, nas Associações e pastorais de Bairro, contudo, desenrolou-se a história real do MO, e neste terreno fez muita falta a atuação educativa da vanguarda. Socialista, (mesmo considerando-se a estreiteza das experiências de luta desenvolvidas). A pregação da igreja, humanista e conciliatória, foi talvez a voz mais expressiva que alcançou contingentes mais significativos da massa. O retorno as lutas mais amplas, que houve já se anuncia lentamente, vem mais uma vez marcado pela ingenuidade e pela ausência de uma consciência de classe. As correntes pequeno-burguesas da esquerda não fazem mais do que alimentar este atraso, levando para a classe operária pregação de bandeiras burguesas, como o reforço as lutas burguesas atuais em prol das Liberdades Democráticas ou Liberdades Políticas. (Dentro desta situação destaque-se o peso que vem ocupando a corrente sindical amarela, fenômeno político já referido acima). Entretanto, a força motriz das lutas operárias hoje, que da conta de necessidades de classe já sentidas e extremamente urgentes, é a luta contra o arrocho e a carestia. E em torno desse eixo que se desenvolvem os embriões de luta de classe nas fábricas, assim como também nos bairros, embora nesses haja uma diluição maior dos interesses em jogo. E sendo esta a força motriz dos atuais embriões de luta de classes, é esta a tendência objetiva que precisa ser estimulada pelos verdadeiros revolucionários, a quem cabe a tarefa intransferível de manter a agitação e a propaganda, ajudar as frações de classe que puderem ser alcançados a identificar seus inimigos e a compreender os objetivos socialistas.

14. A dispersão das lutas operárias ao longo da conjuntura, e o isolamento das frações mais combativas que chegaram a se organizar, criaram a falsa impressão sobre a suposta existência de uma camada da classe distinta e estratificada. Durante certo tempo, nós caracterizamos esta camada em nossas teses, e propusemos uma separação entre o trabalho de massa e do trabalho com massa 'mais avançada'. O resultado foi o rebaixamento e virtual extinção do trabalho de massa, das denúncias e das formas de agitação adequadas à situação. Nesta estanqueização entre massa e massa avançada esteve centrada a concepção doutrinária (de esquerda) e o argumento principal para a prática, ultraesquerdista de construir organismos ilegais e 'paralelos', isto é, à margem da realidade. Entretanto, a experiência mostra que não existem camadas estratificadas, e as frações mais combativas são frações da massa operária, despertadas nas lutas, mobilizadas em torno da dinâmica do MO (por mas incipiente que seja...) e que aprendem na luta e na experiência própria, como o faz a classe operária em seu conjunto,

A estanqueização entre massa e massa avançada esteve acompanhada de toda uma, teorização sobre a impossibilidade de surgirem lutas nacionais ainda na atual conjuntura. Aqui, foi também o nível das lutas de classes que possibilitou o esquematismo. Hoje, quando ainda não podemos falar numa nova conjuntura, quando ainda, vivemos o período geral do descenso, já ocorrem, entretanto manifestações estudantis articuladas nacionalmente, e o movimento operário já insinuou um primeiro passo nesse sentido. A experiência histórica não pode ser enquadrada num esquematismo rígido. As mudanças na situação política tampouco podem ser delimitadas através de um raciocínio maniqueísta: elas acompanham processos as vezes lentos, e os saltos de qualidade são precedidos por modificações parciais.

15. A crise nacional hoje nos coloca às vésperas da queda da ditadura militar. A experiência das lutas de classes e a história das ditaduras indiretas, tanto no Brasil como no exterior, permite que se levantem hipóteses, a este respeito, embora não se deva com isto pretender recriar fórmulas artificiais. O primeiro ponto que deve ser destacado é que o proletariado hoje não tem condições de derrubar a ditadura. Evidentemente, o quadro poderá mudar e um ascenso nacional do movimento operário poderia nos colocar numa situação como a de Cuba, em 1958, embora tal hipótese seja bastante improvável: hoje a crise da ditadura já está bastante acentuada, enquanto se desenvolve um movimento liberal de grande proporções, sustentado pela burguesia e pela pequena-burguesia. A situação atual nos aproxima muito mais dos exemplos da Grécia ou da Espanha, ou mesmo do Brasil de 1945, quando as próprias classes dominantes tomaram a iniciativa de por um fim a sua ditadura aberta. Hoje, a classe operária brasileira não luta pelo poder; por outro lado, existe efetivamente uma luta contra a ditadura, e ela parte da própria burguesia e de setores crescentes da pequena-burguesia.

É de se prever que a classe operária num primeiro momento, seja polarizada politicamente por estas forças. A despolitização forjada pela ditadura militar, o fato de que o populismo não foi superado, a desorganização e o baixo nível de das lutas atuais são fatores que pesam contra o ressurgimento de um movimento operário independente. Somente o aprendizado com as próprias lutas propiciará condições para que o MO se desenvolva em torno de uma política de classe própria.

16. É importante destacar as diferenças quantitativas entre o democratismo burguês e o pequeno-burguês. Mais aquém, ou mais além, o certo é que o predomínio de um ou outro ponto de vista de classe se reflete na atitude - e na força - que assumem diante do movimento operário. Diferentemente da oposição burguesa, o democratismo pequeno-burguês tenta mobilizar o proletariado. Para ele, não se trata de adequar o Governo as novas exigências da dominação burguesa e sim de 'todo povo'. Esta atitude (e ilusões) obriga o democratismo pequeno-burguês a disputar influência e a acumular forças no movimento operário - e o faz nos limites da situação atual, como luta pela conquista das lideranças operárias para pesar no 'fim da opressão policial'. Destaque-se que a influência da pequena-burguesia somente é possível na medida em que as propaladas liberdades democráticas se apresentem como a resposta aos problemas materiais da classe.

17. Este quadro afirma a redemocratização como tendência mais forte da conjuntura atual. A revitalização do parlamento, a formação de novos partidos, a reconciliação entre vencedores e vencidos golpe de abril através da proposta da anistia e a bandeira da Constituinte, indicam um processo de rearmamento da burguesia e alimentam a corrente democrática da pequena-burguesia.

Esta tendência se manifesta também na crise do papel salvacionista das forças Armadas. A propriedade, a família e a religião já não precisam mais do predomínio político das Armas, em nome do que a burguesa abriu mão do exercício direto do seu poder político.

Entretanto, a redemocratização é uma tendência que se impõe no curso das lutas reais. A ditadura militar segue existindo como um fator real; apesar de governar mediante decreto contra a própria revitalização política da burguesia, atestando assim a sua fraqueza, segue existindo como um elemento de força. A crise ideológica das forças Armadas não chegou ao ponto de uma conquista política para o retorno aos quartéis. E não se descarta a possibilidade da solução golpista para a crise. Aqui a autonomia relativa das FFAA em relação aos partidos e facções burguesas permite compreender o desenvolvimento de movimentos conspirativos, tal como ocorreu no episódio da demissão do general Sylvio Frota. Se será uma solução de desespero ou uma reunificação política da burguesia é uma previsão impossível de ser feita fora do desenvolvimento da luta de classes. A partir da situação atual, entretanto, devemos considerar a tendência golpista como secundária.

18. Um último ponto a ser levantado na caracterização geral da conjuntura diz respeito aos fatores subjetivos, isto é, à situação das organizações de esquerda.

A grande maioria da esquerda brasileira hoje é democratista, inclusive grande parte das organizações denominadas de 'esquerda revolucionária', como o MR-8 e a APML. Refletindo claramente as esperanças atuais da pequena-burguesia, que torce por uma República Democrática e liberal, a esquerda teorizou um complexo discurso de racionalizações para justificar seu apoio ao movimento da burguesia liberal. Geralmente afirmando que a burguesia não poderá absorver a redemocratização nem organizar mecanismos de dominação que não sejam os da ditadura militar, alegando razões de tática e argumentos aliancistas no velho estilo do PC, o democratismo reforça e incentiva a convocação da Constituinte (com exceção do MB -8, que defende as liberdades democráticas, mas não aceita a Constituinte) - e de um modo geral reivindica na prática outras formas de dominação burguesa. Estes amplos setores da outrora chamada 'esquerda revolucionária' são hoje os mais ardorosos herdeiros do reformismo. Tanto quanto o PCB lutam por reformas no Estado burguês-latifundiário.

Correntes centristas procuram por sua vez conciliar a estratégia reformista pela redemocratização com as posições revolucionárias. Argumentando também com uma teoria sobre o caráter permanente da ditadura militar, suposta forma exclusiva de dominação para a burguesia brasileira, propõem a bandeira geral da luta contra a ditadura. Esquemas teóricos e justificativas à parte, esta 'bandeira geral', como se sabe é hoje empunhada apenas pela burguesia e pela pequena-burguesia, pois o proletariado não luta pelo poder. A 'bandeira geral' da luta contra a ditadura e pelas Liberdades Políticas, que nestes termos é vanguardada pelo MEP, não passa na prática de uma conciliação com a luta liberal pela redemocratização do Estado.

Finalmente, resta considerar a nossa própria situação, a situação da PO. Tendo seguido uma trajetória de desvios voluntaristas e propagandistas desde 1970, hoje a PO se encontra dividida em

varias frações. De todas as frações da PO, a única que se manteve como herdeira das posições programáticas e estratégicas dos primeiros Congressos foi a PO-exterior. E é em torno das críticas publicadas na MM-exterior pelo grupo no exílio que hoje se dá o aprofundamento da nossa autocrítica, enquanto cresce em torno delas também uma polarização das outras frações, abrindo perspectivas a prazo para a reunificação. Da nossa parte, portanto, avançamos agora na autocrítica aberta pela 4ª Conferência, e reafirmamos os conceitos estratégicos do 4º Congresso: mobilizamo-nos em torno da linha estratégica pela organização independente do proletariado, conforme consta na primeira parte desta Declaração Política, combatemos as diversas concepções etapistas e reformistas da esquerda, e visamos hoje o enraizamento na classe operária, sempre dentro da perspectiva de luta pelo Brasil Socialista.

3. TESE SOBRE TÁTICA

1. Podemos sumarizar a situação política brasileira atual como de crise da ditadura militar. A atual forma de governo perde cada vez mais o apoio de setores ponderáveis do bloco burguês-latifundiário no poder.

Não é apenas a pequena-burguesia que demonstra sua insatisfação com o regime; também elementos significativos da burguesia dão mostra do seu cansaço com a tutela do governo e acenam com a reivindicação de uma abertura democrática. Esse desgaste gradativo dos militares diante de suas bases sociais é acompanhado, por outro lado, de uma intensificação das lutas de massa, intensificação que é mais visível nos movimentos da pequena-burguesia, mas que começa a existir também no movimento das massas trabalhadoras.

2. O desgaste da ditadura militar, se não anula o poder repressivo do regime e sua capacidade de desarticular os movimentos de massa, por outro lado tem dado margem a movimentos mais amplos, tanto no movimento estudantil, quanto no movimento operário. O MO parte, no entanto, de pontos extremamente baixos de organização e consciência. As lideranças pelegas e reformistas dominam a maior parte dos sindicatos, o que, aliado ao atrelamento sindical, vem a tornar difícil um maior desenvolvimento dessas lutas. A modificação do quadro político e das possibilidades dos movimentos das massas trabalhadoras vai encontrá-las, assim, em um ponto baixíssimo de consciência e organização. E aí não se trata apenas do problema histórico da inexistência da organização independente da classe operária e de seu partido político: esse problema se agrava pelos anos de repressão da ditadura a qualquer movimentação de massa, o que gerou ainda maior apatia, "medo e descrédito em relação as possibilidades de luta.

3. Não vivemos mais no período negro da reação, que vai de 1969 a 1974. A crise econômica e política que abala a ditadura militar dá hoje maiores possibilidades para o surgimento e ampliação dos movimentos de massa, embora a ditadura mantenha ainda sua capacidade de repressão (que ela usa o mínimo indispensável, para não ampliar ainda mais o seu desgaste político, interno e externo). As lutas operárias e de outras camadas trabalhadoras ressurgem a partir das reivindicações mais imediatas: as que se referem às péssimas condições materiais de vida, condições que tendem a se agravar com o recrudescimento da inflação. Uma classe desorganizada e sem consciência, com seus órgãos de representação atrelados ao Estado e dominados por uma burocracia sindical que tudo faz para amortecer as lutas surgem; eis hoje a situação que se encontra a classe operária (situação que não é diferente, senão menos grave, que a de seus aliados no campo).

4. Ao lado desta má situação das massas trabalhadoras, encontramos também a esquerda brasileira. A esquerda não reformista não soube encontrar uma perspectiva justa para a sua intervenção política, tendo se consolidado, além disso, num momento muito pouco propício para qualquer intervenção. Os erros da esquerda, aliados a repressão militar, reduziram de tal modo o contingente da corrente antireformista, que hoje temos de partir, também do lado da vanguarda revolucionária, de pontos extremamente baixos para as tarefas que o momento esta a nos exigir. Em especial a Organização, que liderou a luta contra o reformismo desde a sua origem e que, portanto, estava capacitada a enfrentar o descenso de forma mais organizada, se não chegou a assumir os desvios mais gritantes do imediatismo pequeno-burguês como o militarismo e o democratismo, por outro lado ficou imobilizada num período grande, passou por fases voluntaristas e esquerdistas, desperdiçando grande parte de suas forças, cindindo-se em diversos grupos e se incapacitando, na prática, a dar uma opção revolucionária para o momento de descenso.

5. Se tentamos aqui sumarizar esses traços gerais da situação política atual e, da O. dentro dela, é porque queremos falar aqui de tática, Ou seja, dos meios que pretendemos empregar no sentido de avançar em nossos objetivos estratégicos e no sentido de implantar o programa socialista. E, para isso, é essencial a caracterização da O., pois ela será o sujeito da política traçada, prática. Nossa tática deve refletir não a tática ideal de um partido já formado para uma intervenção global na luta de classes, como se pudéssemos ter às mãos recursos dessa ordem. Nossa tática é a tática de uma pequena organização revolucionária, com escassos vínculos com a massa e que atua numa realidade onde a esquerda revolucionária é reduzida e as massas proletárias carecem de organização própria e dos elementos mais simples de uma consciência de classe. Essa compreensão, a do nosso verdadeiro peso na luta de classes, muitas vezes nos faltou, lançando-nos em tarefas que não tínhamos condições de realizar. Queremos deixar isso bem claro, para que não incorramos novamente em esquemas de táticas e estratégias ideais, tão ideais que deixaram de fora a consideração de nossas verdadeiras forças.
6. Antes de entrarmos em nossas diretrizes táticas, convém destacar aqui algumas questões de ordem mais geral, de método de atuação, uma das quais já foi incorporada na prática da organização a partir da 4ª Conferência: trata-se, em primeiro lugar, das palavras de ordem práticas, ou seja, das palavras de ordem parciais para as lutas do proletariado e de seus aliados. (Evidentemente, estamos nos referindo as lutas parciais dos trabalhadores da cidade e do campo contra o capital, ou as lutas estudantis contra a PEG, ou seja: as lutas que encontram sua determinação, na contradição fundamental da sociedade, o que podem ser canalizadas para o movimento revolucionário). Esta postura diante das lutas dos trabalhadores, a de não se opor a reivindicação das massas, mas apoiá-la, desenvolve-la e mostrarmos dentro dela a maior combatividade, tem tanto mais importância quando sabemos que as lutas dos trabalhadores partem hoje de reivindicações econômicas em sua maioria e, diga-se de passagem, reivindicações muito modestas. Em circunstâncias como essa, a concepção esquerdista de aplicar as reivindicações de transição e fundamentais em cada luta só nos levaria (como levou) a um isolamento cada vez maior em relação as massas. Isso não significa que em certas ocasiões não devamos nos opor a 'embriagues em massa' e ficarmos em minoria, mas essas situações são aquelas em que a classe dominante procura iludir politicamente o proletariado, não sendo o caso das lutas econômicas da classe dentro das atuais circunstâncias. Exemplificando, se algum dia a burguesia conseguir ganhar a classe operária para a opção da Constituinte, não será por isso que abandonaremos nossa posição contrária a Constituinte. Podemos até vir a participar de eleições e do próprio parlamento, mas na medida em que pudermos manter acesa a nossa denúncia à alternativa burguesa em relação à crise do poder. Já as lutas econômicas, antes de tudo, reivindicações da classe operária, representando hoje o ponto de partida para a mobilização do proletariado.
7. Outro aspecto geral que devemos ressaltar aqui é o da estratificação da consciência da massa operária. Como é sabido, a observação dessa estratificação deu margem a sérios desvios na linha da Organização, desde o Pleno Deliberativo. A constatação da existência de uma camada mais consciente, que mantinha continuidade nos órgãos de representação, que não refluiu com o final das lutas levou a nossa política de 'acumulação de forças na massa avançada' e de secundarização das lutas de massas. As lutas de massa tinham importância para nós na medida em que pudessem fortalecer a aglutinação da parcela mais combativa. É verdade que os aspectos mais acintosos da concepção foram pouco a pouco atenuados a partir do Projeto (1975) e com a nova Tese (1977). De tal forma atenuada que as consequências nefastas na prática política (passividade diante das lutas de massa, propagandismo) acabaram por ser anuladas. Mas foram anuladas, mantendo-se ainda a concepção de acúmulo de forças na massa avançada, encoberta por inúmeras considerações que a contrabalançavam. É preciso aqui por as coisas em seus devidos lugares. A estratificação da consciência da classe de forma a caracterizar **três** camadas dentro dela: a massa propriamente dita, a massa avançada (consciência sindical) e a vanguarda (organizada partidariamente) é uma característica geral do movimento operário (e, portanto, não só do MO brasileiro pós 68), que só desaparece (momentaneamente) no momento mesmo da tomada do poder, quando as parcelas decisivas da massa assimilam a estratégia do partido e a materializam. Não sendo uma circunstância específica do caso brasileiro, essa estratificação tem que ser vista dentro dos moldes gerais da atuação da vanguarda comunista na luta de classes. E aí não há como privilegiar a intervenção na massa avançada. O desenvolvimento das lutas de massa, a organização e sustentação dos organismos sindicais e a capitalização partidária são aspectos inter-relacionados de um único processo, onde o determinante são as lutas de massa, independente da forma em que se dêem (abertamente ou não, isoladas ou nacionais, etc). Se hoje as lutas são pouco expressivas e ocasionais, isso tem de imediato uma consequência ao nível da parcela avançada (também reduzida, dispersa), e ao nível da vanguarda (hoje, pequenas organizações de revolucionários, sem muitas raízes na classe operária, e que não formam - e nem podem formar um verdadeiro partido da classe) Não há como privilegiar a intervenção massa avançada ou concluir que ela seja o resultado

mais visível e importante de nossa intervenção, Não é possível admitir isso nem para o período negro de 1969 – 1974, nem muito menos agora, quando as lutas de massa tomam cada dia maior vulto.

8. Uma das acusações mais em moda contra a Organização, desde o seu nascimento, é a de que a O. "não teria tática, que seríamos 'propagandistas', 'doutrinristas'. Essa acusação parte, no entanto, de concepções erradas a respeito do que seja tática e chega, invariavelmente, de qualquer lado que parta, à concepção populista de luta contra a ditadura. A tática dá conta dos meios, das formas de luta e de organização para avançarmos em nossos objetivos estratégicos (capazes de colocar a luta de classes em novo nível), que por sua vez são derivados do Programa Socialista. A tática está assim, a serviço da estratégia - e dela não se dissocia. Por outro lado, a tática não pode deixar de levar em conta as forças para materializá-la: os contingentes com que contamos para colocá-la em prática. Sendo assim, que significado podem ter hoje as 'táticas' de 'luta antifascista', de 'luta anti-ditadura' de 'luta democrática' ou de 'luta de resistência', ou qualquer combinação que se possa fazer de todas essas? Na medida em que as massas trabalhadoras hoje não lutam pelo poder, se limitam a reivindicações econômicas, o que esperar dessas inúmeras 'táticas'? Em termos de forças materiais que setores hoje lutam contra o regime? Obviamente, setores da classe dominante e setores da pequena-burguesia urbana. São esses que podem ser canalizados para tais alternativas e não o proletariado, dado o nível de mobilização em que se encontra. E, na hipótese que pudesse, o que ganhariam os trabalhadores com a instauração da democracia? A liberdade de organização e manifestação, dirão alguns. No entanto, é ilusório achar que um movimento dominado pela burguesia liberal e pela pequena-burguesia possa instaurar a liberdade de organização e manifestação para a classe operária. Tais conquistas, que no Brasil querem dizer: fim do atrelamento sindical, fim da lei de greve, liberdade para a imprensa operária e seus partidos políticos não de ser conquistas dos trabalhadores ou não serão mais do que arremedos nesse terreno, E essas conquistas se dão com luta, luta que partirá, inevitavelmente dos níveis atuais, em torno de reivindicações econômicas. Centrar a tática, numa luta que os trabalhadores não travam e, ainda mais, com conteúdo burguês (não revolucionário) significa centrar a atuação nos setores de pequena-burguesia e dificultar no meio operário a organização independente; esta deve se dar em torno dos objetivos concretos e a partir de lutas concretas e, principalmente, deve estar articulada com a propaganda da necessidade do estado proletário (e não da democracia burguesa).
9. A tática de luta contra a ditadura é por tanto uma bandeira pequeno-burguesa que pretende penetrar no movimento operário. As lutas econômicas, atuais do proletariado são tão luta contra a ditadura, como luta pelo GRT ou pelo Socialismo. As lutas econômicas atuais são apenas lutas por salário, por melhores condições de vida e de trabalho, contra a carestia, não são lutas políticas propriamente ditas. Os que pensam que são fazem como aquele que Thalheimer critica em 'Os Pontos do Programa': vêem o político em toda a parte, transformam o econômico sempre em político. E não tardarão a se decepcionar. Além do mais, na hipótese de que as coisas fossem diferentes, que o proletariado já reivindicasse politicamente, então, não caberia a palavra de ordem genérica de 'luta contra a ditadura'; tal palavra de ordem só serviria para colocar os trabalhadores sob a tutela das classes dominantes, que mais cedo ou mais tarde se voltariam contra eles se aproveitando de seu atraso de consciência (lembremos da Argentina, lembremos de Portugal). Caberiam consignas claramente socialistas. Que educassem e organizassem a classe.
10. Erro semelhante cometem os companheiros que propõem uma tática de resistência contra a ditadura. Tal resistência não pode ser criada pela vanguarda: ou bem existe e deve ser organizada; ou bem não existe e é mais uma ficção. O que importa é considerar que categorias tais como 'resistência', 'defensiva estratégica', etc, aplicam-se a forças organizadas, a exércitos, a classes organizadas e mobilizadas, fora do que não passam de abstrações e palavras ocas. A questão não é apenas de nome; se considerássemos a existência de lutas de resistência, caberia a nós organizá-la, propor os Comitês de Resistência (QUE seriam clandestinos), realizar ações coordenadas no sentido de desgastar a ditadura; enfim, tirar as consequências práticas da tática. Resistência parte sempre da existência de exércitos derrotados e que podem ser organizados na derrota para desgastar o inimigo. Não é essa a situação do Brasil, infelizmente. Quando a classe foi derrotada em 1964 ela ainda não compunha um exercito organizado, ela ainda não era uma classe nem organizada, nem independente. Hoje, estamos partindo de lutas específicas que podem e devem ser direcionadas. Tais lutas são empreendidas por uma classe que se renovou nesses últimos 13 anos, e que conta com experiências negativas no sentido de que não foi organizada e nem teve consciência de seus verdadeiros objetivos. Sua organização deve se dar em torno de formas mais primarias, mais sindicais, mais econômicas, que a de Comitês de Resistência ou qualquer outra organização própria de realidades diferentes, mais avançadas. Nesse sentido, não há resistência política, assim como é uma impropriedade falar em 'resistência econômica', enquanto movimento de classe (unificado). Existem sim lutas econômicas com possibilidades de se transformarem em lutas políticas e que devem ser direcionadas objetivando ganhos em consciência e organização que visem a formação de

um verdadeiro exercito proletário (objetivo a longo prazo, é óbvio: ele hoje não existe, nem mesmo disperso).

11. Sintetizando o conjunto de nossas diretrizes táticas, para o momento diríamos que nossa tática é de concentrar forças para o enraizamento na classe operária de forma a criar e fortalecer todos os embriões de organizações independentes. Isso deriva do fato de sermos uma pequena organização que, todavia, não utilizou todos os seus recursos e que terá que fazê-lo, necessariamente, nos pontos de maior prioridade. Deriva também da necessidade de maior enraizamento na classe, de forma a transformar a Organização em uma Organização verdadeiramente proletária, que reflita em sua vida interna os problemas da classe. E, por fim, é também uma consequência do objetivo estratégico mais próximo de organizar a classe independente. Alguns críticos perguntarão: mas esses objetivos não são gerais? Onde está o objetivo político? Em torno de que bandeiras essa atividade será feita? A eles só podemos responder que esses objetivos não são gerais. A organização independente da classe não é um objetivo geral, na medida em que ela é uma realidade em muitos países, mas não no nosso (sua concretização colocaria, inclusive, a luta de classes no Brasil em outro nível - tratando-se de um objetivo político da mais alta relevância.) . O enraizamento na classe não é necessário para muitos partidos e organizações (que já o fizeram), mas não para nós (e, diga-se de passagem, para toda a esquerda revolucionária. A concentração de forças pode não ser uma política também em determinados momentos (como o que Lênin descreve em 'Que Fazer? '), quando a presença na classe operária já esta garantida em seus pontos decisivos. Quanto as bandeiras políticas, nós temos um Programa - o Programa Socialista para o Brasil' - que não foi feito para ficar nas prateleiras e ser substituído na prática por plataformas 'táticas'. Nossa agitação e propaganda deriva do Programa e é em torno dele que pretendemos, no mesmo processo em que encaminhamos a criação a fortalecimento dos organismos independentes, dirigir as lutas e capitalizar partidariamente. Enfim, nosso programa, no qual se baseia nossa agit/prop é um programa socialista e não um simples programa anti-ditadura ou um programa democrático. Mas, e a especificidade do Estado, a concreticidade da luta de classes? O PSB trata dessa especificidade e dessa concreticidade, e por isso ele é atual. Ele define o atual Estado como uma ditadura militar que exerce o poder em nome do bloco burguês-latifundiário; por isso, nossa luta não é uma simples 'luta contra a ditadura', mas visa atacar sobretudo as bases sociais da ditadura (que são, alias, as mesmas da democracia).

12. Quando rejeitamos, mais acima, a acumulação de forças na massa avançada nos referimos as concepções que sustentávamos a esse respeito, durante o período esquerdista. Negávamos a possibilidade de qualquer aprendizado pela massa hoje, enquanto a massa avançada aparecia como única parcela da classe operária capaz de incorporar uma influência política da vanguarda, e capaz de amadurecer com as lutas.

Recolocando agora que o terreno da nossa atuação e o das lutas atuais, onde a massa operária, desenvolve sua prática, e evolui suas concepções resta porem destacar as consequências que tiramos da existência dos operários mais avançados no interior da massa em seu conjunto. A questão central está em que a nossa influência sobre a massa será tanto maior quanto mais solida e mais ampla seja a nossa influência sobre os operários mais avançados. Dai porque se deve destacar a importância do trabalho de formação política das lideranças operárias, que para nós será basicamente um trabalho de propaganda.

A propaganda junto aos operários mais avançados não pode ser, é claro, uma propaganda abstrata. Ela toma por referência a realidade concreta vivida por essas lideranças potenciais da classe, isto é, a experiência cotidiana da classe, a partir do que procuraremos levar a nossa teoria, as concepções socialistas sobre o futuro do movimento operário. Por isto mesmo, a penetração da nossa propaganda entre estes operários avançados deve acompanhar a sua própria prática, sendo portanto um trabalho lento, sem preterições imediatistas, pois em sua base está o próprio ritmo atual do movimento operário, do qual essas lideranças são frutos. Mesmo estes elementos avançados não irão assimilar a nossa teoria a partir de conceituações abstratas, mas sim na medida em que a nossa teoria represente uma resposta para a sua prática atual.

A propaganda e a formação política de lideranças operárias são, pois, um trabalho, inseparável da nossa participação nas lutas e da realidade cotidiana da classe operária. Também aqui, precisamos levar em conta o presente do movimento, procurando apresentar as propostas mais claras, as palavras de ordem práticas e as formas de luta mais adequadas.

13. É comum ouvir críticos da PO nos acusar de "espontaneísmo" nas lutas de massas. Geralmente, a acusação aparece ao lado de alguma "plataforma tática" de caráter pequeno-burguês. Para nós, porem, interessa ajudar a classe operária a agir como classe, isto é, a lutar pelos seus interesses específicos, a desenvolver a solidariedade de classe e a sua autoconfiança. Como marxistas, sabemos que a classe operária tem interesses específicos, não apenas de natureza econômica, mas

também de natureza social e política. Como vanguarda, iremos formular estes interesses e transformá-los em palavras de ordem sempre que as condições locais possibilitarem a organização de uma luta. Serão as palavras de ordem práticas ou imediatas, formuladas segundo condições locais. Além delas, porém, cabe sistematizar e reunir as reivindicações parciais mais atuais e sentidas pela classe numa plataforma de lutas, que usaremos na nossa agitação, e defenderemos nas frentes e alianças. Esta plataforma de lutas, hoje, deve conter as seguintes bandeiras: Luta contra o arrocho salarial; Luta contra a lei de greve; Contra o atrelamento sindical (pelo sindicato livre); pela imprensa operária livre; Contra as perseguições políticas das lideranças operárias; pela organização pelas bases.

14. Em função deste objetivo político de estimular as lutas independentes, isto é, de ajudar no desenvolvimento de ações de massa em torno de interesses específicos da classe, formaremos frentes e alianças.

Referimo-nos aqui não apenas as frentes formais ou tácitas entre direções de organizações de esquerda no decorrer da luta, mas também as frentes pela base, nos diversos organismos de luta. Delegações Sindicais, Comissões de luta, etc., poderão se formar aglutinando elementos de diversas correntes políticas no interior do movimento operário. Participaremos destes organismos e os estimularemos desde que se voltem para a defesa dos interesses da classe, e assumam os métodos proletários de luta, isto é, a pressão de massa, o repúdio ao cupulismo e aos conchavos com os representantes da burguesia.

15. Esclareçamos mais essas diretrizes de tática. Nossa política, de concentração de forças deve ser direcionada para dar prioridade a intervenção na classe operária, nas regiões onde ela é mais concentrada, nas categorias mais combativas e nas fábricas, Essa prioridade, sem a qual o enraizamento não se daria, deriva da importância fundamental da classe operária na frente trabalhadores das regiões mais desenvolvidas sobre o resto do país e do fato de não se poder falar em organização independente sem organização por fábrica, pela base.

16. Essa linha de prioridades não exclui o trabalho sindical, o trabalho de bairro, o trabalho no campo, o trabalho estudantil ou o trabalho com a pequena-burguesia. Era primeiro lugar, porque temos recursos em alguns desses setores que não podem ser realocados diretamente (caso do ME e da pequena-burguesia) nas fábricas prioritárias; em segundo lugar (caso do trabalho de bairro e também do MS), porque podem ser instrumentos para determinadas atividades que possibilitarão chegar as fábricas; em terceiro lugar (caso do trabalho no campo), por atingirem setores de grande importância na frente dos trabalhadores. O que queremos dizer é que não deslocaremos recursos para o trabalho no campo e não entendemos como um objetivo em si o ME (e o trabalho na pequena-burguesia); alocaremos recursos nos bairros, que não possam ser alocados nas fábricas, visando objetivos próprios nos bairros, mas, principalmente, chegar às fábricas. E, finalmente, devemos nos dispor a desenvolver todas as demais pontas que surgirem em qualquer setor possível de adotar a perspectiva proletária, mesmo que não tenha a principal prioridade.

17. Nosso trabalho de fábrica, trabalho prioritário, deve visar a criação e fortalecimento dos organismos fabris independentes. Para essa tarefa, teremos que combinar o trabalho clandestino (dito artesanal) de pé-de-ouvido com formas legais de utilização de Delegações Sindicais, associações esportivas e culturais de fábrica, murais, conselhos de representantes por seção, etc. O trabalho clandestino tem aí grande importância, dado o limite das formas legais e o fato de só podermos desenvolver plenamente nossa agit/prop através de meios clandestinos. O objetivo deve ser a criação e fortalecimento de associações esportivas e culturais, fundos de assistência mútua, delegações sindicais desatrelados, comitês de luta etc. Muitas dessas formas terão vigência apenas temporária, enquanto durar uma luta, mas isso não tem problema, na medida em que a experiência será de grande importância para lutas futuras, Essas atividades de criação e fortalecimento de associações e organismos fabris representativos e de desatrelamento dos existentes ligados aos sindicatos, serão levados a cabo, naturalmente, por operários mais combativos, que tenham consciência da necessidade de fortalecer a organização, a solidariedade e o espírito de luta entre os companheiros da fábrica. Nessa medida, esses organismos agruparão operários de várias tendências políticas dentro de um mesmo espírito de combatividade, além de elementos de 'massa' ainda não comprometidos. As restrições para a participação devem ser, assim, as menores possíveis e os organismos os mais amplos possíveis. Pode ser necessária a agrupação clandestina dos operários mais combativos para discutir a direção efetiva dos organismos e das lutas fabris: esses agrupamentos, bases fabris de oposições sindicais combativas poderão funcionar a base de uma unidade de pontos de vista no terreno sindical: vide plataforma de lutas. Na medida em que as lutas se desenvolverem será inevitável uma divisão de águas no interior desses grupos, a base de divergências políticas que ultrapassem aquela unidade, mas por enquanto, dadas as características principalmente econômicas das lutas operárias, os grupos poderão existir em torno desses pontos colocados.

18, O trabalho no sindicato deve ser visto estreitamente articulado com o trabalho fabril. As diretrizes gerais são as que estão em "Nosso Trabalho nos Sindicatos":

- a) os sindicatos atrelados não são instrumento de luta de classes, mas existem para amortecê-las;
- b) nossa tática deve se embasar na destruição da máquina sindical existente e criação dos sindicatos livres;
- c) não devemos boicotar o sindicato, na medida em que não temos outra opção a dar no momento;
- d) devemos utilizar os sindicatos para denunciar os pelegos e chegar às fábricas;
- e) podemos participar de eleições sindicais, desde que seja possível na campanha e na diretoria atingir as bases de fábrica, que devem ser fortalecidas;
- f) não devemos aceitar a política sindical, mesmo sob risco de intervenção.

O trabalho sindical deve ser feito pelos elementos do trabalho de fábrica que *não* tenham problemas maiores de segurança, já que não podemos arriscar o desbaratamento de nosso trabalho, em função da legalidade sindical. Pelas táticas anteriores (mesmo a da 4ª Conferência), dávamos principalidade ao trabalho sindical em relação ao trabalho de fábrica, porque considerávamos a principalidade da massa avançada sobre a massa, e a aglutinação da primeira no sindicato. Nesse sentido, o trabalho de fábrica se esvaziava. Hoje, podemos colocar o trabalho sindical no seu devido lugar (secundário) tanto pelos riscos que ele implica, como pelas potencialidades maiores que temos nas fábricas. Em certas circunstâncias, especialmente nas campanhas salariais e campanhas eleitorais, a prática sindical tomara um destaque maior no conjunto do nosso trabalho.

A prioridade não se modifica, no entanto. Além das propostas para campanha, agitaremos a luta contra o atrelamento sindical e, principalmente, a necessidade de reforçar a organização fabril pela base, quer através da formação de grupos de fábrica, nas assembleias, quer através da formação de comissões de propaganda para percorrer as fábricas. O sindicato permite uma base legal para toda uma série de atividades que podem ser exploradas.

O trabalho deve ser, no entanto, bastante cuidadoso, para impedir que a repressão possa desarticular os esforços. A Oposição Sindical por categoria deve reunir todos os elementos fechados com os pontos já mencionados anteriormente para a constituição de suas bases fabris. Ela deve combater as práticas eleitoreiras e a participação de elementos oportunistas que não estão interessados em levar uma prática de combatividade sindical. Não há campo para as Oposições Sindicais fechadas com o Programa atualmente e por isso, devemos recuar das OSP's.

19. Nosso trabalho de bairro visa, como já foi dito, canalizar recursos do setor estudantil para o trabalho operário, ter acesso às fábricas em função desse trabalho, manter contato com outros setores não operários da frente de trabalhadores e constituir nos próprios bairros organismos independentes que dirijam as lutas específicas e desenvolvam a combatividade e a solidariedade entre as massas trabalhadoras. Tem, portanto, um objetivo próprio e também objetivos de fortalecimento de nossa frente principal. Obviamente, os bairros a serem privilegiados serão os de forte presença operária. Existe toda uma gama de atividades que podem canalizar recursos do ME e da pequena-burguesia para fortalecer essa frente e permitir uma ampliação de nosso trabalho operário. Grupos de bairro podem ser formados em torno de cada atividade e aí também os mais combativos podem ser aglutinados clandestinamente, numa espécie de "oposição de bairro" que vise desenvolver a maior combatividade e solidariedade entre os moradores, neutralizando os políticos burgueses e a influência do Estado nas associações de bairro. Esse trabalho, predominantemente legal, tem que ser complementado, para adquirir um caráter revolucionário, pela nossa agit/prop clandestina, principalmente a base do JN.

20. As formas de organização propostas acima não devem ser vistas como definitivas nem únicas. Elas representam uma seleção de formas de organização, tomando-se por base as experiências recentes mais conhecidas do MO; mas o desdobramento das lutas, e o avanço do enraizamento da O. na classe, poderão nos colocar a necessidade de definir outras formas de organização, seja a nível de base ou a nível de coordenações. As nossas propostas não partem de modelos ideais, mas da experiência da luta de classes e da sua sistematização.

21. Nosso trabalho estudantil não deve ser considerado como um fim em si, mas um elemento importante de acesso à classe operária e aos trabalhadores em geral, Como um fim em si, o ME além de não possuir importância estratégica, na ausência de um movimento operário, torna-se um canal de absorção e transmissão de toda sorte de ideologias e opções da burguesia e da pequena-burguesia. É essa a situação que vivemos atualmente, com o predomínio democrata no ME e uma

certa marginalização das tendências socialistas (algumas das quais fizeram muitas concessões políticas para poderem continuar influenciando). É possível uma inversão dessa situação, na medida em que o MO aumente sua presença no cenário nacional com uma perspectiva própria, e na medida em que a vanguarda comunista no ME intervenha com propostas justas. De qualquer forma é possível manter no ME frações comprometidas com os trabalhadores que, apesar de minoritárias, não chegam a ser insignificantes e que podem exercer um trabalho de divulgação de nossas posições na pequena-burguesia e auxiliar o nosso enraizamento na classe. Essas frações serão formadas na medida em que conseguirmos exercer alguma influência no movimento; intervindo nas lutas e nas entidades. As condições particulares do estudante permitem um crescimento acima da média do trabalho no ME o que, aliado a sua importância atual na luta de classes, fazem com que não devamos adotar uma política de abandono do setor. O que cabe é ver seu caráter secundário e a necessidade de utilizá-lo para chegarmos aos trabalhadores. O ME permite também o acesso a toda uma série de setores da pequena-burguesia, como profissionais liberais, jornalistas, bancários, etc. alguns dos quais podem ser ganhos para a perspectiva proletária, significando também possibilidades de apoio logístico para a Organização, que não podem ser desprezadas. Cabe aqui, além de desenvolver a política proletária nesses setores de pequena-burguesia, de modo a integrá-los na luta dos trabalhadores, colocar em funcionamento as correias que possam ligar fisicamente esses trabalhadores com o trabalho entre as massas trabalhadoras, desenvolvendo-o ainda mais. Sobre a intervenção mais específica no movimento estudantil, cabe aqui o estabelecimento de uma linha geral de promoção das lutas específicas no combate a Política Educacional do Governo e de uma solidariedade dos estudantes às lutas dos trabalhadores, através de um trabalho constante de denúncias utilizando toda sorte de atividades. O ME tem condições de legalidade mais propícias para o desenvolvimento da agit/prop de nossa linha programática e devemos explorar essas condições ao máximo. Devemos continuar a combater também pela criação e fortalecimento das entidades livres, representativas e organizadas pela base, combatendo as burocracias estudantis existentes, democratizando as entidades e seu funcionamento e reconstruindo a estrutura nacional do movimento estudantil, com a refundação da UNE, das UEE's, dos DCE's livres, dos CA's livres e da articulação das entidades profissionais com essa estrutura. No ME, dado seu avanço, é possível formarmos frações de massa avançada, em torno de posições programáticas, num nível de unidade muito acima portanto, que as Oposições Sindicais. Havendo possibilidade, devemos também promover movimentos culturais dentro da perspectiva proletária, utilizando formas legais de divulgação, visando dar uma opção aos intelectuais socialistas e atingir através desse meio as massas trabalhadoras. Finalmente, resta frisar que não será possível uma hegemonia de posições proletárias no ME enquanto não existir um MO independente, capaz de polarizar em torno de si seus aliados potenciais, e o ME.¹

23. Nossas diretrizes táticas não estariam completas se não falássemos na atuação parlamentar. Somos contrários à utilização do parlamento na atualidade e a favor do seu *boicote*, através de campanhas de voto nulo, na medida em que não podemos utilizá-lo como veículo de uma agitação e propaganda revolucionárias baseadas no Programa e que visassem desmascarar o domínio da burguesia e do latifúndio, encobertos pelo Parlamento. Enquanto essas condições não se alterarem não vemos como modificar nosso ponto de vista. Não podemos comparar a atuação parlamentar atualmente com a atuação sindical, mesmo sabendo que sindicato e parlamento são instrumentos da burguesia, isto porque no sindicato é possível toda uma série de propostas que entram em choque com o atrelamento e com os pelegos, sendo possível igualmente uma atuação revolucionária. No Parlamento, dada a abrangência do órgão, não poderíamos deixar de propagandear o nosso Programa como um todo, o que nas atuais condições é impossível. Não concordamos também com a proposta específica de Constituinte, dado o efeito deseducativo que tem sobre as massas trabalhadoras, no sentido de propagandear uma opção democrático-burguesa. O que não quer dizer que não venhamos a participar dela, uma vez que se viabilize dentro de um quadro de liberdade de agitação e propaganda. Mas se o fizermos ser para denunciar, entre outras coisas, a própria Constituinte (e não vemos razão para não iniciarmos este trabalho de denúncia desde já, pois embora participar de um parlamento não seja uma questão de princípio, denunciá-lo já é uma questão de princípio, em qualquer circunstância dentro da revolução socialista).

24. Agitar, propagandear e organizar são tarefas básicas da prática revolucionária. Não podemos esgotar aqui de antemão todas as possibilidades que surgem com a prática, nas diversas frentes, em torno da agitação, da propaganda e da organização. Indicaremos apenas os traços gerais dessas atividades, na atualidade: a) prioridade da agitação, propaganda e organização clandestinas sobre as legais; b) utilização de todas as brechas legais para a veiculação de nossa agit/prop; desenvolver denúncias constantes para a massa a partir das entidades legais de fábrica, de bairro e de escola; c) utilização de boletins e panfletos legais e clandestinos como instrumento de agitação numa dada luta

¹ No original não existe o item 22 (Nota dos editores).

concreta, d) organização de atividades gremiais e de representação independente em todas as frentes de trabalho; e) organização de grupos de Oposição Sindical em torno da plataforma sindical mínima; f) organização de tendências fechadas com o Programa Socialista no MS; g) organização de GFR's entre os elementos combativos interessados em estreitar os vínculos com a O., conhecer mais a linha política visando a preparação política, teórica e ideológica, para uma prática militante profissional.

25. Por fim, vejamos as perspectivas do trabalho com a Esquerda brasileira. Dentro da Esquerda, devemos destacar, em primeiro lugar, as organizações que criticam atualmente a linha, de liberdades democráticas, sendo possível traçar formas de intervenção comum e instrumentos de discussão política e teórica visando incentivar o debate em prol de uma maior unidade de combate. Dentro deste campo devemos situar - pelos informes atuais que temos - as diversas frações recentes da O., o MEP e a AP. Cremos poder endossar a proposta da OCML (fração) no sentido da abertura de uma TD comum centrada na discussão do Programa e da tática. Participaremos desta TD defendendo as posições oficiais da O. no terreno do Programa, da estratégia e da tática. Devemos procurar ter contatos regulares visando trocado material e a discussão com todas as O's acima, mencionadas.

Dentro deste campo antidemocrata devemos destacar, no entanto, uma, proximidade maior - tanto no terreno programático, como no terreno tático - com a ORM e o grupo PO-exterior. Aqui cabe falar de contatos mais estreitos visando a reunificação da O. que hoje se torna possível a partir das recentes autocríticas nossas, após as intervenções do grupo do exterior. Esse processo não pode ser visto como imediato, já que ainda existem muitas questões pendentes e o estreitamento mútuo de nossos laços é bastante recente, embora já torne possível para nós fazermos a proposta de unificação do órgão central, da revista e dos instrumentos de propaganda e formação, acompanhada de uma discussão de propostas comuns para as diversas frentes de trabalho. O estreitamento maior dos laços tornará possível prever prazos mais concretos para a efetivação da reunificação. Em segundo lugar, colocamos as outras organizações de esquerda não reformista, com as quais poderemos realizar alianças e formação de organismos independentes da classe, reservando em todos os casos, a autonomia de agitação e propaganda. Nesses casos, o contato deve ser estabelecido a partir das frentes de trabalho, sendo desnecessário um contato oficial, a nível de direção.

26. Por fim podemos nos perguntar sobre a influência que a aplicação dessas diretrizes terão na evolução conjuntural, É preciso romper de vez com as ilusões mecanicistas e voluntaristas no sentido de "deixar marcas na conjuntura" ou do atuar para romper a atual situação. A situação atual da classe operária e seus aliados do campo é ainda de um tal atraso, exigindo tarefas ainda tão iniciais, que atribuir aos trabalhadores a possibilidade de queda da ditadura é um sonho destituído de qualquer realidade. O mais provável é uma substituição 'pacífica' da forma de governo, possivelmente acompanhada com mobilizações burguesas o pequeno burguesas em uma espécie de festa para a qual a classe operária não será convidada . E isso será sempre a hipótese mais viável "enquanto os trabalhadores não se organizarem e não lutarem por suas reivindicações , mesmo as mais imediatas. Se é provável que a nova situação conjuntural dará margem cada vez mais a movimentações crescentes da classe, daí não se conclua que será isso o decisivo na modificação da forma de estado: não o foi em Portugal, como não o foi na Grécia, para citar apenas dois exemplos (sendo que em Portugal a classe partia de um nível de consciência e organização bem mais alto que no caso brasileiro). Não será nos atribuindo tarefas tão decisivas e nobres que teremos maior animo para a intervenção na luta de classes. A história da O. esta cheia de apelos desse tipo que acabaram gerando desânimo, apatia e desconfiança entre as nossas fileiras. É preciso ter consciência do atraso na formação independente da classe e da crise que a Esquerda brasileira passa hoje para que possamos partir para uma recuperação em bases sólidas, sem falsas ilusões . O primeiro passo pare isso estamos dando com as autocríticas políticas recentes. O segundo passo será a retomada do trabalho na classe no sentido de um maior enraizamento e influência em seus setores decisivos. Recuperada a teoria que deu base e fundamento a própria existência de Política Operária, se trabalharmos bem poderemos chegar breve a uma recuperação definitiva da O., o que significará, uma contribuição também importante para a historia do movimento operário e das massas trabalhadoras, através da criação e fortalecimento das formas hoje possíveis de organização independente, em setores decisivos da classe.

Publicado na Revista Marxismo Militante nº 05, maio 1978.

Digitalizado em março de 2009.